

Cônego José Bizon
Rabino Michel Schlesinger
(Organizadores)

Afonso Moreira Júnior
(Idealizador)

DIÁLOGO

inter-religioso

Religiões a caminho da paz



Sumário

Prefácio

O Disco de Newton

Heródoto Barbeiro.....7

Introdução

A arte do diálogo

Rabino Michel Schlesinger 11

1º Capítulo

O diálogo inter-religioso

Dom Raymundo Cardeal Damasceno Assis..... 15

2º Capítulo

Coragem de dialogar

Rabino Michel Schlesinger 23

3º Capítulo

A importância do diálogo inter-religioso no Islã

Sheikh Jihad Hassan Hammadeh 31

4º Capítulo

Para que todos sejam um, assim como nós (Jo 17,11)

Dom Romanós Daoud..... 41

5º Capítulo

Encontro inter-religioso – Através das experiências da
Monja Coen Roshi, da Ordem Soto Zen Shu

Monja Coen Roshi..... 53

6º Capítulo

Religiões brasileiras afrodiaspóricas e diálogo
inter-religioso

Ronilda Iyakemi Ribeiro 63

7º Capítulo

Hinei Matov Umanaim Shevet Achim Gam Yachat
“Como é bom e agradável quando irmãos sentam
juntos em harmonia”

Raul Meyer..... 81

8º Capítulo

Religiões em busca da paz

Cônego José Bizon..... 85

Conclusão 99

O Disco de Newton

O avião tentava pousar no meio das montanhas. Naquele momento parecia que uma das asas ia tocar o solo e tudo virar uma porção de destroços. Finalmente, para alívio geral, as rodas encontraram o solo de Paro, a capital do pequeno reino do Butão, no meio da Ásia. País de tradição budista, com belíssimos mosteiros antigos, com mais da metade do território preservado, e um povo pacífico cujo esporte nacional é o torneio de arco e flecha. O pequeno Butão é o patrocinador de uma proposta na ONU para que a medição conhecida como PIB – Produto Interno Bruto seja trocada por outra. Ele propõe o FIB – Felicidade Interna Bruta, ou seja, que o bem-estar, a tranquilidade, o entendimento, a aproximação entre pessoas de religiões e culturas diferentes também sejam avaliados. À princípio me pareceu uma maluquice, mas depois, conversando com membros do governo local, soube que a proposta conta com o apoio de mais de uma centena de países e com um estudo teórico sobre a metodologia para averiguação de desempenho desenvolvida na Universidade de Columbia.

O convite do governo do Butão era para uma reunião na ONU e o tema, a viabilidade do FIB. A plateia comportava uma verdadeira multidão em um dos salões inferiores do prédio em Nova York. Presentes o primeiro ministro do Butão, envergando o tradicional quimono, e uma plêiade de gente comprometida com a maior distribuição da riqueza no mundo e a defesa do meio ambiente. Eu imaginava uma plateia de *doutos scholars* com suas gravatas, laptops e cabelos bem penteados. Ledo engano. No mar de assistentes, uma profusão de pessoas vestidas com os seus trajes nacionais. E, para minha surpresa, muitos religiosos. Sentei-me ao lado de um rabino de meia idade, de Nova York, que me fez uma série de perguntas sobre o Brasil. Tentei contar quantos outros religiosos lá estavam: islâmicos, católicos, evangélicos, hinduístas, budistas, zoroastristas, africanos de várias origens... Perdi a conta. Pelo menos um terço da audiência era formada por líderes religiosos; muitos não consegui identificar a que religião pertenciam.

Os discursos dos líderes políticos começaram e cada um dava a sua versão do que entendiam ser a felicidade e como deveria ser medida e avaliada em todos os países. Depois de pelo menos duas horas, o mediador anunciou que cada religião representada no plenário teria três minutos para falar. Houve uma inversão de discurso. Todos falaram a mesma língua, ressaltaram o respeito pela diversidade, o princípio da não violência, da tolerância, da ajuda mútua, da compaixão e do amor. Só depois de ouvir a todos é que compreendi a importância da presença dos líderes religiosos no evento. Os discursos inter-religiosos

deixavam claro que, ao invés de afastar pessoas, comunidades, povos e nações, eles aproximavam. Lembrou-me a Roda de Newton, que é formada por várias cores, mas, quando girada, é possível ver uma única cor.

Esta experiência vivida por mim mostrou-me quanta importância tem o diálogo inter-religioso e as imensas contribuições que podem dar à humanidade, mesmo em um campo aparentemente áspero e materialista como a economia. A reprodução desses encontros em nível mundial ou local precisa ser incentivada e cabe às lideranças religiosas a provocarem. Certamente caminharemos com mais tranquilidade em busca da paz.

O presente livro é mais um passo inspirador graças à coordenação do Cônego José Bizon e do Rabino Michel Schlesinger, e à idealização de Afonso Moreira Júnior.

Heródoto Barbeiro

Jornalista, educado na tradição budista
da escola Soto Zen.

Introdução

A arte do diálogo

Uma pessoa estava perdida na floresta sem comida, sem bebida, sem água, tampouco esperança. Finalmente enxerga, ao longe, outra pessoa. Ao se aproximar diz: “Que bom que te achei! Estou perdido e preciso que você me indique a saída”. A outra, então, responde: “Também estou perdido, não sei onde a saída está, mas sei que juntos teremos mais chance de encontrá-la”.

Percebo que os principais desafios humanos são universais. Teremos alguma chance de fazer frente à violência, à corrupção, à fome, às agressões ao meio ambiente, aos abismos sociais, à falta de acesso à boa educação e à ausência de reflexão ética na sociedade, apenas, se formos capazes de colaborar. Porque, afinal de contas, esses obstáculos não são judaicos, cristãos, muçulmanos, budistas ou de matriz africana – eles são humanos.

A ferramenta que possibilita essa reunião de forças é o diálogo. Entendo o diálogo como um meio, e não um fim em si. Embora muito apazível, não dialogamos pelo prazer de dialogar, mas com o objetivo de operar mudanças profundas na sociedade. Por meio do diálogo,

superamos as barreiras que nos impediriam de interagir de maneira eficaz ante os desafios da nossa era.

O exercício do diálogo, no entanto, não é trivial. Um dos maiores desafios para o ser humano se encontra justamente no diálogo. Isso porque dialogar significa ir ao encontro do outro, que é diferente de mim. Dialogar presume o reconhecimento e, principalmente, a valorização da diferença.

Por outro lado, dialogar também exige o encontro consigo próprio. Ao encontrarmos o diferente, temos os nossos próprios conceitos abalados. Aquilo que acreditávamos como verdadeiro pode estar em perigo, pois entramos em contato com nossa própria rigidez, medos, angústias e inseguranças. Dialogando, descobrimos quem somos e também aquilo que nunca seremos. O diálogo nos retira de nossa zona de conforto e nos arremessa no confronto de ideias e valores.

Acredito que existem pré-requisitos para o diálogo. O primeiro deles é alguma segurança em si próprio. Somente possui coragem de encontrar a alteridade aquele que tem certa tranquilidade em torno de suas próprias convicções. Apenas quando estamos seguros daquilo que somos, conseguimos confrontar o outro sem que nossos mundos sejam totalmente desconstruídos.

O segundo pré-requisito para o diálogo é a assunção de que a vida admite infinitas interpretações. Uma importante dose de pluralismo é condição para o exercício do encontro de ideias. Se cremos haver apenas uma verdade, não admitimos o confronto com aquilo que será, de

antemão, ao ser diferente, uma “mentira”. No entanto, ao pressupor que o mundo é composto de nuances e tonalidades, estamos equipados com a faculdade de escutar aquilo que destoa um pouco ou radicalmente daquilo que cremos.

Rabino Michel Schlesinger

1º Capítulo

O diálogo inter-religioso

*Dom Raymundo Cardeal Damasceno Assis**

“O diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos”, diz o papa Francisco na *Evangelii Gaudium*.

1. De fato, à medida que cresce a comunicação global entre os homens no mundo contemporâneo, se dá, simultaneamente, o encontro das diversas formas de religiões. Isto não é motivo de desespero nem de preocupação, mas sim uma oportunidade de criar uma relação mútua que favoreça o diálogo, o respeito e a cooperação entre as diversas religiões presentes no mundo, além de abrir novos caminhos que colaborem no tão sonhado crescimento da paz. Para o papa João Paulo II, o despertar da necessidade do diálogo inter-religioso foi favorecido pelas rápidas mudanças no mundo e pelo aprofundamento do mistério da Igreja, como sacramento universal de salvação

* Representante do Celam no Conselho Latino-americano e Caribenho de Líderes Religiosos pela Paz.

(cf. *Dives in Misericordia*, 2; 21). Além disso, com a unificação do mundo se mostrou a interdependência entre todos os setores da convivência e da promoção humana. As exigências da paz e o pluralismo religioso tornaram o diálogo e o contato mais necessários. Também constatamos que a experiência missionária tornou possível o surgimento de novas aproximações, ao mesmo tempo em que sensibilizaram para a necessidade de se relacionar, de uma maneira nova, com os seguidores de outras religiões, para assim tornar possível que a Igreja se faça presente e compreendida por elas.¹

2. Apesar dos avanços alcançados ao longo do tempo, notamos que a questão do diálogo inter-religioso é, ainda hoje, um desafio para o pensamento teológico e para distintas instâncias da Igreja Católica. Não podemos nos esquecer de que o diálogo é uma dimensão integral da vida humana e também da missão da Igreja. Ele, por sua natureza, faz um apelo à abertura e ao encontro interpessoal. O filósofo Buber nos explica que é na relação com o tu que o sujeito constrói e aperfeiçoa a sua identidade. Trata-se de uma experiência humana fundamental e “passagem obrigatória” no caminho da autorrealização do indivíduo e da comunidade humana.² É por isso que acreditamos que, nos dias de hoje, o diálogo inter-religioso assume um papel fundamental na missão e na vida evangelizadora da Igreja, já que ele representa e torna

¹ Cf. ZAGO, Marcello. Diálogo inter-religioso. In: KAROTEMPREL, Sebastian (dir.). *Seguir a Cristo en la misión*: manual de misionología. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2000. p. 92.

² Cf. BUBER, M. *Eu e tu*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977. p. 32.

possível “o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outros credos para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento”³, ao mesmo tempo em que colabora com a dinâmica de “conversão mais profunda de todas para Deus”.⁴ O diálogo inter-religioso adquire maior urgência ao ser observado que as religiões buscam relacionar os homens ao redor de “certas” categorias existenciais que as constituem e que pretendem dar razão e expressão às perguntas radicais que ocupam um lugar central na vida de cada homem. Elas pretendem expressar, com palavras e símbolos, todos os sentimentos e pensamentos que envolvem a vida do ser humano, tanto em suas relações sociais como também em sua individualidade. Assim, os homens “por meio de religiões diversas procuram uma resposta aos profundos enigmas para a condição humana, que tanto ontem como hoje afligem intimamente os espíritos dos homens, quais sejam: que é o homem, qual o sentido e fim de nossa vida, que é bem e que é pecado, qual a origem dos sofrimentos e qual sua finalidade, qual o caminho para obter a verdadeira felicidade, que é a morte, o julgamento e retribuição após a morte e, finalmente, que é aquele supremo e inefável mistério que envolve nossa existência, donde nos originamos e para o qual caminhamos”.⁵

³ Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso. *Diálogo e anúncio*. Petrópolis: Vozes, 1991, n. 9.

⁴ Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso. *Diálogo e anúncio*. Petrópolis: Vozes, 1991, n. 41.

⁵ Cf. NA 1.

3. O Concílio Vaticano II (1962-1965) representa um dos eventos mais significativos na conscientização da grandeza e da importância do diálogo inter-religioso no mundo contemporâneo. O discurso de João XXIII, pronunciado na abertura do Concílio, estabelece uma mudança de perspectiva decisiva, em que o fundamental, agora, não é mais a luta contra o “erro” e o uso da “severidade”, mas sim “a medicina da misericórdia”, a busca do *aggiornamento*. Esta sensibilidade foi fundamental para a instauração do diálogo com o mundo moderno e, também, com as instâncias ecumênicas e inter-religiosas. Com a declaração *Nostra Aetate*, o Concílio Vaticano II inaugura um novo modo de abordar a questão das outras religiões. Diferentemente dos outros textos do magistério, *Nostra Aetate* manifesta uma relação novidadeira da Igreja com as outras religiões. Em especial, constatamos uma mudança na forma de tratamento, na qual vigoram o respeito e a acolhida. A novidade, agora, reflete-se no fato da apreciação positiva ao relacionar a Igreja católica com as outras religiões, e não apenas nos fiéis que delas participam. É uma abertura ao que há de “verdadeiro e santo” nas religiões, em seus “modos de agir e viver”, em seus “preceitos e doutrinas”.⁶ Em sua análise sobre o tema, Karl Rahner sublinhou ser inovador este novo modo de relacionar da Igreja com as diversas religiões enquanto “realidades sociais concretas e com seus edifícios doutrinários e a sua vida”. Para ele, as outras religiões não

⁶ Cf. NA 2.

apresentam unicamente “elementos de uma natural crença em Deus”, mas igualmente “substanciais traços sobrenaturais da Graça, concedida por Deus ao homem em razão de Cristo”.⁷

4. O papa Francisco, seguindo a Bento XVI, João Paulo II e Paulo VI, recordou o vigoroso impulso que significou a declaração *Nostra Aetate* para a conquista de um mútuo entendimento entre as religiões. Na audiência pública do dia 28 de outubro de 2015, na qual recordou os 50 anos de *Nostra Aetate*, nos convida a uma mútua colaboração, já que, segundo o papa Francisco: “o mundo olha para nós, crentes, exorta-nos a colaborar entre nós e com os homens e as mulheres de boa vontade que não professam religião alguma, pede-nos respostas eficazes sobre numerosos temas: a paz, a fome e a miséria que afligem milhões de pessoas, a crise ambiental, a violência, em particular a cometida em nome da religião, a corrupção, a degradação moral, as crises da família, da economia, das finanças e sobretudo da esperança”. Destacou, também, a importância dos inúmeros encontros realizados em Assis, que com sua “chama” estendeu em todo o mundo o “sinal da esperança”. E apontou outros muitos eventos que colaboraram para a conscientização da importância do diálogo inter-religioso em nosso contexto atual, sejam eles de iniciativas institucionais, sejam também pessoais. Para o papa Francisco, o diálogo inter-religioso favorece a escuta do outro, ao mesmo tempo em que abre novos

⁷ Cf. RAHNER, K. Cristianesimo e Religioni non Cristiane. In: *Saggi di antropologia soprannaturali*. Roma: Paoline, 1965. p. 545.

caminhos para o diálogo entre as diversas religiões, em “uma atitude de abertura na verdade e no amor”.⁸

5. É importante recordar que o diálogo inter-religioso não significa renunciar ou abandonar os princípios da Verdade e da própria fé, mas sim buscar no outro tudo aquilo que é positivo e que ajuda na busca da Verdade. É evidente que os cristãos não podem dissimular, na práxis do diálogo inter-religioso, a própria fé em Jesus Cristo. Por sua vez, reconhecem nos seus interlocutores, que não partilham a fé que eles têm, o direito e o dever inalienáveis de se empenhar no diálogo preservando suas próprias convicções pessoais – e também as pretensões de universalidade que podem fazer parte da fé dos mesmos”.⁹ Acreditamos que o diálogo inter-religioso pode se dar de pessoa a pessoa, até mesmo dentro da família, ou em grupos maiores e mais organizados. Muitas vezes, este mesmo diálogo se desenvolve em encontros casuais, não deliberados, tais como: no trabalho, no bairro e nas viagens.

6. A experiência de escuta mútua forma o fundo de nossas vidas que, com atenção e respeito, constituem uma valiosa contribuição para o nosso peregrinar social. Cada vez mais se dão encontros programados que unem as diversas religiões que buscam, com um autêntico vigor, unir-se em vista de um bem maior e comum. É desastroso para a sociedade observar que, muitas vezes, diferentes grupos religiosos usam de

⁸ Cf. EG 250.

⁹ Cf. DUPUIS, J. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 516.

suas naturais diferenças religiosas para justificar seus desejos de hegemonia com violência. Segundo o papa Francisco: “A religião não deve justificar a violência. É muito importante que sejamos vistos como profetas da paz, pacificadores que convidam outros a viver em paz e de forma harmoniosa e com respeito mútuo”.¹⁰ Cada religião autêntica surge da profunda convicção de uma intuição, entendimento ou visão de uma transcendência que nos é comum e que ao compartilhá-la nos faz crescer na unidade e na paz.

7. Por fim, afirmamos que todo diálogo inter-religioso deveria estar animado da vontade de uma mútua compreensão e admiração. Animado deste mútuo respeito, deve estar isento de toda ofuscação causada pelas imensas diversidades e de toda vontade de conquista por meio da violência e da injustiça. Assim, compreenderemos que “o que de verdade (*veritatis*) e graça (*gratiae*) há no coração e no espírito dos homens ou nos ritos e culturas próprias dos povos, não só não se perde, mas é purificado, elevado e consumado para a glória de Deus [...]”.¹¹ Animados por este espírito de comunhão, convido nossas comunidades católicas a estarem abertas ao diálogo ecumênico; a saírem em busca de novos caminhos que favoreçam o diálogo entre os homens e as diversas religiões, para que possamos tornar realidade em nosso meio aquilo que disse o papa Francisco: “Muitos pensam diferente, sentem

¹⁰ Cf. Discurso em Quênia, 26/11/2015.

¹¹ *Enchiridion Vaticanum* 1, op. cit., p. 1081. A propósito, confira também DUPUIS, J. *Il cristianesimo e le religioni*, op. cit., pp. 29-30.

diferente, buscam Deus e encontram a Deus de maneira diferente. Nesta multidão, neste leque de religiões, há uma só certeza: todos somos filhos de Deus”.

Que o Senhor nos acompanhe neste caminho de comunhão e fraternidade, e nos faça sensíveis e abertos às inspirações do Espírito Santo de Deus!